INTERSECÇÕES ENTRE POBREZA E RAÇA: UMA APREENSÃO DE SENTIDOS EM UM TERREIRO DE UMBANDA, EM ARACAPE-CE.

Ezequiel Nunes De Lima[1]
Antonio Ailton De Sousa Lima[2]
Jardel Felipe Rocha[3]
Maria Rita Da Silva[4]
James Ferreira Moura Jr[5]

RESUMO

Este trabalho consiste em analisar as intersecções existentes entre os marcadores de pobreza, raça e religião como estratégias de resistência vivenciadas por praticantes da Umbanda em Acarape- CE. Nesse sentido, a fim questionar as práticas de opressão em torno dos povos de terreiro no que diz respeito à intersecção dos marcadores de raça e classe, este estudo caracteriza-se a partir de uma abordagem qualitativa. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas por meio de videoconferências, sendo analisadas a partir da análise crítica do discurso. Evidenciou-se que mesmo frente às adversidades os praticantes umbandistas elaboram estratégias conforme seus recursos, tendo como exemplo o apoio mútuo. Com isso, destaca-se a importância de compreensões interseccionais e maiores aprofundamentos acerca dos povos marginalizados.

Palavras-chave: Pobreza Raça Umbanda Resistência Interseccionalidade .

UNILAB, Instituto de Humanidades, Discente, znunes@aluno.unilab.edu.br[1]
UFC, Departamento de Psicologia, Discente, ailtonlimah12@gmail.com[2]
UNILAB, Instituto de Humanidades, Discente, jardelfr@gmail.com[3]
UNILAB, Instituto de Humanidades, Discente, mariarita066.mrs@gmail.com[4]
UNILAB, Instituto de Humanidades, Docente, james.mourajr@unilab.edu.br[5]

ISSN: 2447-6161

INTRODUÇÃO

Alinhar uma compreensão sobre o cruzamento entre as categorias de raça e pobreza nos possibilita entender os processos históricos no Brasil e as formas de opressões naturalizadas. Segundo Santos (2019), o colonialismo, capitalismo e patriarcado aparecem como as grandes estruturas fundamentais para os processos de opressão e exclusão. Sendo o Brasil mais um campo de atuação dessas práticas, destaca-se a constituição da própria identidade brasileira em que o eurocentrismo por meio do colonialismo ocasionou o epistemicídio dos conhecimentos locais e genocídio da população, que ainda se fazem presentes no cotidiano a partir da colonialidade (GROSFOGUEL, 2016; QUIJANO, 2005).

O Brasil é marcado por desigualdades oriundas de um sistema colonial e segregador, a desigualdade racial foi "[...] o primeiro elemento racista do 'sistema-mundo patriarcal, eurocêntrico, cristão, moderno e colonialista" (GROSFOGUEL, 2016, p. 36) foi baseado em concepções religiosas, onde se tratava dos povos sem religião, considerados pelos colonos "sem alma" (povos indígenas). Outro produto concebido pelo colonialismo, é a pobreza. Denota-se que, após o regime escravocrata com a abolição da Lei Áurea (1888) o corpo negro passa por um novo processo de ressignificação social, agora tendo que enfrentar à pobreza somada a discriminação racial. Diante das dificuldades encontradas pelos ex-escravos em estabelecer um convívio social e inserir-se no mercado de trabalho, ressalta-se que o processo de "liberdade" "[...] não representou um movimento de ruptura e sim a continuidade dos padrões vigentes" (ALMEIDA, 2008, p. 13).

Pontua-se que tais desigualdades corroboram para a marginalização e o extermínio do corpo negro, de sua cultura e crenças, onde aqui se trata em sua especificidade da Umbanda. Aponta-se que as desigualdades raciais estão relacionadas com a pobreza, e assim resultando na exclusão e negação deste corpo negro e pobre, onde o mesmo tem que elaborar estratégias de resistências para a sobrevivência dos seus, de suas histórias, de sua identidade e de suas crenças. No entanto, "Esta criou e vem reinventando mecanismos de resistência para garantir sua sobrevivência, ao mesmo tempo em que oferece ao Estado e à sociedade brasileira suas experiências como forma de construir coletivamente outra dinâmica de vida e ação política." (MADEIRA, GOMES, 2018, p.474). A própria umbanda pode ser concebida como essa estratégia de resistência frente ao racismo, colonialismo e desigualdade. Entende-se que os processos de resistência além singulares são plurais, afinal considera-se que o cruzamento interseccional de marcadores e dispositivos de opressão determinam as formas de resistir às estruturas hegemônicas impostas. Assim, as resistências atuam como uma forma de reação frente aquilo que se possa instaurar com uma normatização.

Com isso, a interseccionalidade se caracteriza pelo atravessamento de marcadores sociais, buscando entender como os elementos presentes nessas esferas são capazes de contribuir com o estudo sobre sujeições. Para Fleury-teixeira e Meneghel, tal conceito "[...] consiste no momento analítico e político de articular e entrecruzar essas diversas categorias (raça, classe, gênero) para compreensão das opressões e subalternidades" (p. 185, 2015).

METODOLOGIA

Este estudo delineia-se a partir de uma perspectiva qualitativa, com ênfase na compreensão contextualizada do discurso dos fiéis umbandistas da cidade de Acarape-Ce. Assim, designando-se à realidade empírica

ISSN: 2447-6161

(MINAYO; SANCHES, 1993), e considerando a problemática em estudo (SLIFE; WILLAMS, 1995). O lócus social desta investigação ocorreu na cidade do interior cearense, Acarape. A cidade segundo o último censo, possui 15.036 habitantes. Tendo sua economia voltada para a pecuária e agricultura (IBGE, 2010). Suas principais festividades se concentram em eventos cristãos: festa do padroeiro, São João Batista, e Festival Cristã Levitas.

Os(às) participantes foram identificados(as) a partir de seu reconhecimento local enquanto praticantes da religião. Assim, sendo os mesmos: maiores de idade; residentes da cidade de Acarape; Assinar o TCLE. Foram entrevistados(as) 4 participantes sendo eles(as): Tapuia, 47 anos, casada, indigena, Mãe de Santo; Joãozinho, 49 anos, solteiro, pardo, praticante; Chiquinho, 33 anos, solteiro, negro, combone; Carrapeta, 51 anos, solteira, branca, visitante.
Por meio de entrevistas semiestruturadas, realizou-se perguntas abertas (DUARTE, 2004) a fim captar sentimentos, crenças e valores dos(as) participantes atravessados(as) por marcadores identitários (ALVES; SILVA, 1992). Após a identificação dos(as) praticantes, houve o contato inicial utilizando o procedimento de debriefing (KOLLER, 2008), que consiste na ocultação do objetivo geral. As entrevistas aconteceram de forma virtual (Plataforma Google Meet), foram gravadas, transcritas e analisadas. O roteiro de perguntas almejava captar a percepção dos(as) participantes sobre aspectos raciais, sobre situação de pobreza e suas formas de enfrentamento. Análises se deram a partir da análise crítica do discurso, segundo Rodrigues-Júnior (2009) esta parte de um parâmetro da linguagem, à medida que essas práticas discursivas resultam de práticas sociais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Reunindo as percepções de umbandistas a partir da confluência dos marcadores identitários de raça e classe, destaca-se suas formas de enfrentamento diante das condições hegemônicas impostas. Conforme hooks (2013), “Somos transformados, individualmente, coletivamente, à medida em que produzimos um espaço criativo radical que afirma e sustenta nossa subjetividade, [...] a partir do qual podemos articular nosso senso de mundo”. Assim, pontua-se que as relações coletivas em terreiros de umbanda podem fomentar um espaço de transformação, é o que sugere Tapuia: “Eu **acho** que a gente tinha que todo **mundo** se unir, tá entendendo? Se unir, porque eu **acho** que a união faz a força. Porque só um fazendo não tem graça; Tem graça se todo **mundo** der as **mãos**.”

A concretização de práticas de resistência não precisam ocorrer necessariamente em grande escala, ela também se constitui em relações individuais e entre seus pares. Conforme Heckert (2014, p. 473), as resistências são linhas desobedientes que se efetuam localmente e vêm de onde menos se espera, problematizando o funcionamento da vida e fabricando outros sentidos, como aponta Carrapeta: “Eu procuro sempre **ajudar** com cesta básica, **sabe? ajudar** as pessoas, **entendeu?** Amenizar mais essa fome, pelo menos nessa pandemia que **tá** acontecendo, tem muita gente passando fome **sabe?**”.
Tendo um caráter dialético, pontua-se que do mesmo modo que as pessoas buscam proporcionar algum tipo de ajuda e/ou assistência, também recorrem quando necessário. Chiquinho relata: “Eu **enfrentei buscando** ajuda, **buscando** ajuda de amigos, de pessoas que poderiam me ajudar, me **dar** a mão e tudo. Um exemplo, para o **emprego né**, que **buscando** pessoas que pudesse me ajudar para trabalhar”. Tapuia também discorre: “[...] a minha vontade de ter mais é pra mim **ajudar** as pessoas que não tem **tá entendendo?** Eu fico doente quando eu não posso **ajudar**”. Percebe-se que se gera sentimento negativo que se instaura no sujeito ao ter que lidar com a frustração ao não ter alguma resolutividade de alguma dificuldade. Em

ISSN: 2447-6161

paralelo, pontua-se os sentimentos positivos gerando estímulos para enfrentar as dificuldades existentes. Heckert (2014, p. 477) discorre que a resistência também estimula uma positividade, pois age em oposição e/ou reação a situações de dificuldades alterando o curso dos processos instituídos.

Tapuia verbaliza uma forma encontrada para lidar com as adversidades diárias: "[...] o que vale a pena é **só** a gente ir em **frente**, né? Colocando um sorriso no rosto e enfrentar de **cabeça** erguida, porque eu **acho** que o desespero, tristeza não vai adiantar nada". Assim, concebe-se "[...] a linha de resistência não pode ser pensada apenas como movimento, velocidade, mobilidade, pois ela pode se expressar simultaneamente como imobilidade, lentidão, prudência" (HECKERT, p. 474). Cada um possui um movimento único na forma de enfrentar as problemáticas cotidianas, como é o caso de Carrapeta:" **Só** que eu geralmente eu bato de **frente**, sabe? Não sou muito de baixar a **cabeça** e ir pra casa não. Eu vou em cima". Também observa-se que podem haver sentimentos de satisfação consigo mesmo ou por uma superação coletiva em torno de alguma dificuldade, como narra Chiquinho: "[...] eu me sinto hoje, hoje eu me sinto um **lutador**, como um **lutador** sempre em busca [...] realmente fazer diferença na minha vida, **né?**". Assim, como pontua Heckert (2014, p. 477), resistir também é reexistir, é agir e criar potência no que compõe o vivo. Como afirma hooks "[...] local de resistência é continuamente formado naquela cultura segregada de oposição que é nossa resposta crítica à dominação" (2013). Com isso, pontua-se que os processos de resistência além singulares são plurais, visto que o cruzamento interseccional de marcadores determinam as formas de resistir e enfrentar as estruturas hegemônicas impostas a cada sujeito. As resistências atuam como uma forma de reação frente aquilo que se possa instaurar com uma normatização.

CONCLUSÕES

Com isso, conclui-se que o objetivo da pesquisa foi alcançando, assim, compreendendo que praticantes da umbanda tendem a vivenciar além da discriminação de classe e raça, a discriminação religiosa. marcadores identitários que quando interseccionados potencializam sias vivencias de opressão. Destaca-se que os processos de resistência se dão conforme os dispositivos e manejos encontrados conforme o seu contexto e limitação, assim destacando o apoio mútuo entre os sujeitos, sendo a principal estratégia de resistência. Por fim, pontua-se a necessidade de maiores aprofundamentos na temática em estudo, bem como, sua complexificação.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer primeiramente as pessoas colaboram com essa pesquisa, pessoas que, em sua maioria de classe baixa que são constantemente excluídas deste espaço de reflexão; À Unilab, ao Instituto de Humanidades e a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PROPPG; Ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica - PIBICT; À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico - FUNCAP; Ao nosso orientador, Profº Drº James Ferreira Júnior e ao supervisor do processo, Antônio Ailton de Sousa Lima; E, a Rede de Estudos e Afrontamentos das Pobrezas, Discriminações e Resistências - reaPODERE).

REFERÊNCIAS

ISSN: 2447-6161

ALMEIDA, P. L. **Elos de permanência: o lazer como preservação da memória coletiva dos libertos e de seus descendentes em Juiz de Fora no início do século XX.** Juiz de Fora: EDUFJF, 2008.

ALVES, Z. M. M. B.; SILVA, M. H. G.F. D. **Análise qualitativa de dados de entrevista:** uma proposta. Paidéia, vol. 2, p. 61-69, 1992.

DUARTE, R. **Entrevistas em pesquisas qualitativas.** Educar, 24, p. 213-225, 2004.

FLEURY-TEIXEIRA, Elizabeth; MENEGHEL, Stela N. (Ed.). **Dicionário Feminino da Infâmia: acolhimento e diagnóstico de mulheres em situação de violência.** SciELO-Editora FIOCRUZ, 2015.

GROSFOGUEL, R. **A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI.** Revista Sociedade e Estado - Vol. 31 n. 1. p. 25-46, 2016.

HECKERT, Ana Lucia Coelho. **OS EXERCÍCIOS DE RESISTÊNCIA NO CONTEMPOR NEO: ENTRE FABULAÇÕES E CONTÁGIOS.** Psicologia em Estudo, Maringá, v. 19, n. 3, p. 469-479, jul./set. 2014.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades e Estados cor ou raça no Brasil.** Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

KOLLER, S. H. Ethics in research with human beings: Some issues about Psychology. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.13, p. 399-406, 2008.

MADEIRA, Z. GOMES, D. D. O. **Persistentes desigualdades raciais e resistências negras no Brasil contemporâneo.** Serv. Soc. São Paulo, n. 133, p. 463-479, set./dez. 2018.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo- Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? **Cadernos de**

ISSN: 2447-6161

Saúde Pública ,v.9, n.3, 239- 262, 1993.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.** In: LANDER, Edgardo (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: Clacso, 2005. p. 107 30.

SANTOS, B.S. **O Fim do Império Cognitivo: As Afirmações das Epistemologias do Sul.** Ed. 1. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SLIFE, B. D.;WILLIAMS, R. N. **O Que Existe Por Trás da Pesquisa.** Sage: Londres,1995.

RODRIGUES-JÚNIOR, A. S. **Análise crítica do discurso: modismo, teoria ou método?** In: RBLA, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, p. 99-132, 2009.

ISSN: 2447-6161